



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10813 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO: UMA ANÁLISE DE PESQUISAS SOBRE CRIANÇAS, CULTURAS INFANTIS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Caroline Machado Cortelini Conceição - UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Anderson Angonese - UNIOESTE/CAMPUS FRANCISCO BELTRÃO - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

Paola Nahuana Grazi Torres - UNIOESTE/CAMPUS FRANCISCO BELTRÃO - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO: UMA ANÁLISE DE PESQUISAS SOBRE CRIANÇAS, CULTURAS INFANTIS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este trabalho propõe mapear e analisar as pesquisas que contemplam as relações entre educação infantil e as culturas infantis. Discute resultados de uma pesquisa qualitativa de análise documental, que efetua o mapeamento das pesquisas científicas - resultados de projetos de pesquisa, dissertações e teses – referente ao tema, identificando as tendências, abrangência das pesquisas e aportes teóricos e metodológicos que orientam as investigações neste campo. A abrange três fontes de busca: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, anais das reuniões nacionais da Associação Nacional Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED e Scientific Electronic Library Online - SCIELO Brasil.

Entendemos que as manifestações infantis são provenientes de uma cultura própria das crianças, portanto, suas expressões, nas variadas linguagens, decorrem da relação com a cultura que as cerca, ou seja, com os bens culturais que a sociedade disponibiliza para elas (COUTINHO, 2014; CORSARO, 2011).

A análise das culturas infantis e suas articulações com as instituições educacionais para a infância constitui hoje um tema de grande relevância nos estudos educacionais e sociológicos da infância. Trata-se de uma mudança paradigmática em que de uma perspectiva

que enfatizava a lógica da reprodução social e colocava as crianças no papel de destinatários de políticas educativas e de práticas pedagógicas orientadas pelos adultos, para outra perspectiva que considera a categoria social infância como suscetível de ser analisada em si mesma, que compreende as crianças como sujeitos sociais de direito e seus mundos de vida nas múltiplas interações simbólicas estabelecidas pelas crianças (SARMENTO, 2003, 2005).

É preciso ampliar o conhecimento sobre quem são as crianças, o que as assemelha e diferencia e o que partilham entre si. Temos um longo caminho a percorrer no Brasil, no que diz respeito às pesquisas sobre as crianças, suas experiências e culturas. “Portanto ‘infâncias’, ‘crianças’ e ‘suas culturas’ apresentam-se como categorias que precisamos problematizar para, afinal, sabermos quem são as crianças” (DELGADO; MULLER, 2005, p.176).

É necessário perceber as crianças em sua diversidade, possuindo suas particularidades, seus diferentes modos de agir, de pensar e de se relacionarem com o mundo que as cercam. As culturas infantis ainda hoje são desconhecidas ou ignoradas, de modo que a infância passa por um processo de ocultação. É essencial compreender as crianças em suas singularidades, para poder interpretá-las é preciso saberes científicos e técnicos, mas ainda saberes humanos. As crianças devem ser entendidas enquanto sujeitos sociais, históricos e heterogêneos, possuidoras de direitos, produtoras e reprodutoras de cultura. Afinal,

[...] as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas. [...] a criança é vista como agente ativo e um ávido aprendiz. Sob essa perspectiva, a criança constrói ativamente seu mundo social e seu lugar nele (CORSARO, 2011, p. 15-19).

A existência de diferentes “infâncias” assim como aponta Heywood (2004), é inegável, pois essa é um constructo social que acaba por variar nos diferentes períodos e lugares, demonstrando desse modo, a existência de alguns momentos fundamentais de mudanças ao longo dos tempos. Assim, a infância não pode ser vista ou entendida como universal, mas sim enquanto construção histórica, cultural e social.

Tanto a concepção de criança quanto a de infância tiveram uma predominância adultocêntrica até meados do século XII, sobretudo na cultura ocidental. A criança não possuía um lugar de destaque, não tendo privilégios, regalias, sendo vista como um ser substituível que sua função na sociedade tinha o cunho utilitarista (ARIÈS, 1986).

Sarmento (2007) aponta a existência de uma certa invisibilidade histórica, cívica e científica da infância, uma vez que houve uma ausência da consciência de sua ideia na maior parte da história, sendo anulada por demasiado tempo a complexidade das crianças, bem como ocorreu o afastamento do mundo da infância do mundo adulto o qual trazia o

entendimento generalizado de que “naturalmente” as crianças deveriam ser privadas do exercício de direitos políticos, pois deveriam estar sob proteção adulta e esse sim apresentava-se perante a sociedade e os direitos cívicos. Essa invisibilidade histórica e cívica teve como base a invisibilidade científica, a qual apresenta-se na ausência de investigações com enfoque na criança e infância, bem como tem como vertente principal o modo dominante. Conforme Sarmento:

A infância tem sofrido um processo idêntico de ocultação. Esse processo decorre das concepções historicamente construídas sobre as crianças e dos modos como elas foram inscritas em imagens sociais que tanto esclarecem sobre os seus produtores (o conjunto de sistemas estruturados de crenças, teorias e ideias, em diversas épocas históricas) quando ocultam a realidade dos mundos sociais e culturais das crianças, na complexidade de sua existência social. (SARMENTO, 2004, p. 25-26)

A modernidade por volta de XIII e XV traz à tona uma consciência da capacidade racional, a diversidade cultural e o avanço nas ciências, na qual o homem adquire a centralidade, sua valorização é posta como essencial. Deriva-se dessa nova concepção um olhar mais atento a criança e um investimento a infância, o sujeito de pouca idade visando a possibilidade de construção do futuro da humanidade. É também durante o período da modernidade que emerge a escola primária, a pré-escola e começa-se a delimitar a educação escolar. Sarmento discorre que nesse período se elaboram diversas concepções de infância, que mesmo revelando divergências entre si, fazem emergir preocupações educativas. (SARMENTO, 2007).

[...] é nesse período que a criança são objetos de investigação, de estudos, de debates, sempre preocupados com o exercício de compreender o que são crianças e a infância através das abordagens científicas e filosóficas, como desenvolvê-las pela educação e como tratá-las do ponto de vista pedagógico. (ARAUJO, 2007, p. 187).

As imagens infantis são plurais, o que se exprime na existência de diversas concepções de infância, e por conseguinte nas diversas concepções de educação, as quais buscam apresentar as explicações e as práticas educativas, percebê-las é fundamental para a construção de um novo olhar para a criança.

Atualmente, o crescente interesse de diferentes áreas como as ciências sociais pela infância e a criança nos apresenta um campo de estudos multidisciplinar e interdisciplinar voltado a entender e a escutar as vozes infantis, de modo a contribuir na ampliação do conhecimento do mundo das crianças, de suas culturas, entre outros, de forma a considerá-las

como atores sociais. Tal interesse de propor a visibilidade infantil se evidencia nas pesquisas que veem sendo desenvolvidas nos últimos anos, as quais partem de um enfoque na criança nas culturas infantis e nas práticas pedagógicas voltadas aos sujeitos de pouca idade.

Neste texto trazemos dados obtidos a partir da realização de busca no SCIELO a qual correlacionando os descritores educação infantil e culturas infantis obtivemos como resultado seis (6) trabalhos. Apresentamos a análise dos trabalhos pontuando a abrangência das pesquisas e aportes teóricos e metodológicos que orientam as investigações, destacando as articulações entre culturas infantis, a educação infantil e as temáticas específicas dos trabalhos. A seguir apresentamos um quadro síntese dos trabalhos resultantes do levantamento:

QUADRO 1. Ano de publicação e título dos trabalhos - SCIELO

Ano	Título
2006	Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência
2008	Práticas de socialização entre adultos e crianças, e estas entre si, no interior da creche
2011	De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental
2012	Os três porquinhos e as temporalidades da infância
2013	Relações de idade e geração na Educação Infantil: ou porque é bem mais melhor a gente ser grande
2020	Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte
TOTAL DE TRABALHOS	6

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O trabalho “Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência” apresenta uma pesquisa realizada em turma de educação infantil (Pré-escola) de inspiração etnográfica discutindo as categorias culturas infantis, trabalho e resistência (MÜLLER, 2006). A pesquisa procurou entender o que significa ser criança na escola, mostrando as significações atribuídas pelas crianças a ideia de trabalho – a atividade pedagógica e suas formas de resistência a determinadas práticas e rotinas escolares. A autora conclui que as crianças se fazem participantes e protagonistas na escola conseguindo, mesmo diante de relativa autonomia, romper com certas lógicas e ressignificar seu ofício de criança e aluno/a.

O trabalho “Práticas de socialização entre adultos e crianças, e estas entre si, no interior da creche” trata-se de uma pesquisa na área da educação infantil desenvolvida em

uma creche. A partir de metodologia de orientação etnográfica a pesquisa de mestrado teve como objetivo principal descrever, analisar e interpretar as dinâmicas das relações que adultos e crianças estabelecem entre si nos espaços/tempos em que convivem no interior da creche (MARTINS FILHO, 2008). Tendo como aporte a Sociologia da Infância e Pedagogia da Infância analisou as relações estabelecidas entre adultos e crianças, e estas entre si, como atores sociais ativos nos processos de socialização identificando que adultos e crianças produzem representações simbólicas a respeito do mundo com o qual interagem e, no caso das crianças, a elaboração das culturas infantis, tanto em relações de conflito e tensão como as harmônicas.

O trabalho “De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental”, trata-se de uma pesquisa de doutorado em Educação de inspiração etnográfica, desenvolvida em uma turma de educação infantil de uma escola pública (MOTTA, 2011). Teve como objetivo analisar a passagem das crianças da educação infantil para o ensino fundamental e a ação da cultura escolar sobre as culturas infantis transformando os agentes sociais de crianças em alunos. Conforme apontado pela autora, os fundamentos teórico-metodológicos foram tecidos no diálogo com diversos autores e teorias: Bakhtin, Vigotski, Foucault, Certeau e Sacristán e autores da Sociologia da Infância. A autora assinala que “abordar a potência das crianças permite enxergá-las não somente assujeitadas a um sistema disciplinar, mas como sujeitos que se apropriam dos elementos desse sistema para reproduzi-los interpretativamente”, sendo algumas permanecem sendo crianças, um grupo social a parte com características e culturas próprias (MOTTA, 2011, p. 171).

A pesquisa “Os três porquinhos e as temporalidades da infância” realiza uma reflexão sobre a construção social das idades da infância no capitalismo em contraponto com as capacidades de sociabilidade e de produção das culturas infantis pelas meninas e meninos, menores e maiores no coletivo educativo a partir de estudo etnográfico desenvolvido a nível de doutorado realizado com crianças de educação infantil (PRADO, 2012). A partir da proposição de Souza Santos (2005, apud PRADO, 2012) de uma sociologia das ausências, que propõe a substituição das monoculturas por ecologias tendo em vista libertar as práticas sociais de seu estatuto de resíduos, ao compreender as sociedades como constituídas por várias temporalidades, a autora propõe a reflexão de que através “não somente de uma sociologia, como de uma psicologia, de uma antropologia e de uma pedagogia das ausências, a infância, como objeto ausente ou inexistente, pode existir de fato” (PRADO, 2012, p. 93).

A pesquisa “Relações de idade e geração na Educação Infantil: ou porque é bem mais melhor a gente ser grande” trata-se de uma pesquisa de doutorado de base etnográfica que visa compreender os grupos de idade a partir de uma perspectiva geracional, traçando um percurso reflexivo de rupturas teóricas, no campo da Antropologia e da Sociologia, aliadas às produções brasileiras, italianas e portuguesas na área da educação da infância (PRADO, 2013). O estudo é balizado por dois pontos, a herança social e a transgressão das crianças pequenas e discute sobre os grupos etários a partir de uma perspectiva geracional e das relações inter e intrageracionais e suas implicações para a construção de uma Pedagogia da

Educação Infantil que conheça quem são as crianças.

O trabalho “Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte” trata-se de um trabalho de revisão teórica que efetua o estado da arte das pesquisas sobre relações de gênero na área da educação infantil apontando as relações entre as culturas infantis e as relações de poder entre meninas e meninos de 0 a 6 anos entre elas/es e entre elas/es e as/os profissionais docentes de creche e pré-escola (SILVA; SILVA, FINCO, 2020). À guisa de conclusão os autores assinalam que as pesquisas e documentos discutidos no artigo representam “a própria materialização da resistência e a contribuição acadêmico-científica [...] na produção de conhecimentos para a construção de uma Pedagogia das diferenças de gênero para a educação e o cuidado da primeira infância no Brasil (SILVA; SILVA, FINCO, 2020, p. 21).

Em síntese podemos destacar que a etnografia é a metodologia predominante nas pesquisas, indicando que considerar o ponto de vista das crianças aparece como uma tendência. Dos seis trabalhos cinco tiveram como aporte metodológico a etnografia e um trata-se de pesquisa teórica que realizou o estado da arte referente ao tema da pesquisa. Estão presente nas pesquisas os seguintes campos teóricos: sociologia da infância, antropologia da infância, pedagogia da infância, estudos da infância e pesquisas com crianças, produção cultural para a infância, estudos de gênero. As pesquisas abrangem temas diversificados, mostrando uma diversidade temática nas pesquisas sobre culturas infantis no âmbito da educação infantil. Sintetizamos no quadro a seguir uma sistematização das palavras-chave das pesquisas:

QUADRO 2. Abrangência dos trabalhos (palavras-chave)

Palavras-chave	Quantidade de trabalhos
Educação infantil	6
Culturas infantis	3
Crianças/criança pequena	2
Infâncias/pequena infância	2
Relações de idade/idade/geração/temporalidade	2
Alunos	1
Creche e Pré-Escola	1
Literatura infantil	1
Movimento Feminista/Relações de Gênero	1
Trabalho/ resistência	1
Socialização	1
Transições entre a educação infantil e o ensino fundamental	1

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

É interessante notar que os trabalhos não focalizam os temas até então recorrentes na educação infantil ampliando a análise para outros campos de saber. As pesquisas evidenciam um olhar "sobre o ser criança" ao enfatizar as relações entre as crianças e adultos e crianças.

Logo, a escuta atenta a partir da perspectiva das culturas infantis se mostra como um fator potencial para refletirmos sobre o cotidiano do trabalho pedagógico em instituições de educação infantil e sobre a formação de professores, como acentua Coutinho (2014), e especialmente, possibilita ampliar o conhecimento sobre as crianças tomando-as sujeito social, protagonista em seus diferentes contextos de pertença.

Diante das discussões feitas até aqui, podemos concluir que para que as crianças possam ser vistas como cidadãos de direitos e como co-construtores do conhecimento, identidade e cultura é preciso que haja a superação de diferentes concepções construídas ao longo dos tempos como a de criança incapaz, dependente, ou do miniadulto, apresentando-se uma busca pela prevalência de uma visão de criança como ator social, pertencente a um grupo que possui uma identidade diferente das culturas adultas. No qual, a criança se mostra enquanto protagonista e construtora de cultura, nesse processo, elas “[...] acrescentam elementos novos e distintos aos seus comportamentos e culturas.” (SARMENTO; PINTO, 1997, p. 29).

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias. Crianças. Educação Infantil. Culturas infantis.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. S. **Marcos filosóficos da modernidade em torno da educação da criança**. In: CARVALHO, C. H.; MOURA, E. B. B.; ARAÚJO, J. C. S. *Infância na modernidade: entre a educação e o trabalho*. EDUFU: Uberlândia/Mg, 2007

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTINHO, A. S. **Os bebês na creche: a ação social a partir do ponto de vista do ator**. In: *Creches Catarinenses: experiências de formação e práticas pedagógicas*. Florianópolis: CED – NUP, 2014.

DELGADO, A. C. C. e MÜLLER, F. **Em busca de metodologias investigativas com crianças e suas culturas**. Revista Cadernos de Educação. V. 35, n 125, maio/ago., 2005.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância:** da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARTINS FILHO, A. J. Práticas de socialização entre adultos e crianças, e estas entre si, no interior da creche. Pro-Posições [online]. 2008, v. 19, n. 1, pp. 97-114, Set, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000100014>

MOTTA, F. M. N. **De crianças a alunos:** transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 157-173, jan./abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000100010>

MÜLLER, F. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. Educação & Sociedade [online]. 2006, v. 27, n. 95, pp. 553-573. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000200012>

PRADO, P. D. Os três porquinhos e as temporalidades da infância. Cadernos CEDES [online]. 2012, v. 32, n. 86, pp. 81-96. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000100006>

_____. Relações de idade e geração na Educação Infantil: ou porque é bem mais melhor a gente ser grande. Pro-Posições [online]. 2013, v. 24, n. 1, pp. 139-157. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072013000100010>

SARMENTO, M. J; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M. J.; SARMENTO, M. J. (coords.) **As crianças:** contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho, 1997. p. 9-30.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade.** Braga: IEC/Instituto de Estudos da criança - Universidade do Minho, 2003.

_____. **Gerações de Alteridade:** Interrogações a partir da Sociologia da Infância. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol.26, n. 91, mai/ago, 2005.

_____. **Visibilidade social e estudo da infância.** In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel J. (orgs). Infância (in)visível. Araraquara/SP: Junqueira&marin editores, 2007.

SILVA, P. R.; SILVA, T. J.; FINCO, D. **Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte.** Cadernos Pagu [online]. 2020, n. 58. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449202000580015>